



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

24 e 25 de setembro de 2016

Histórias que dão vida ao Morro do Horácio / Segurança / Conflitos / Tráfico de drogas / Vinícius Alexandre Gonçalves / Maciço do Morro da Cruz / ONG Gente Nossa / Wilson Ribas / Escola Osvaldo Galupo / Penitenciária da Agrônômica / Horácio Severino Mafra / Luiz Carlos Mafra / Florianópolis / Biguaçu / UFSC / Maristela Fantin / Morro do Arrisca-a-Vida / Trindade / Decod / Atílio Guaspari / Primeiro Grupo Catarinense / PGC

● NOTÍCIAS | SEGURANÇA

DIÁRIO CATARINENSE, 14
SABADO E DOMINGO, 24 E 25 DE SETEMBRO DE 2016

HISTÓRIAS QUE DÃO VIDA AO

CENÁRIO DE CONFLITOS e do tráfico de drogas, localidade na região central da Capital adapta os constantes conflitos entre traficantes e a polícia com o dia a dia em busca da paz

MARCUS BRUNO
marcus.bruno@horasc.com.br

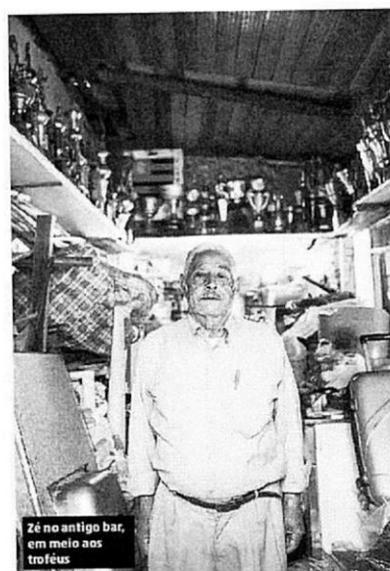
Foco do noticiário da última semana por conta da morte do policial militar Vinícius Gonçalves e das operações policiais que se sucederam, o Morro do Horácio teve sua rotina alterada desde então. Enquanto a polícia faz operações no pé e no alto do morro em busca de traficantes, armas e drogas, o tráfico está acuado, com seus integrantes escondidos em outras comunidades do Maciço do Morro da Cruz, acredita a PM. No meio do fogo cruzado em uma comunidade que fica a 10 minutos da Casa D'Agroômica, onde mora o governador do Estado, vivem crianças, idosos, homens e mulheres que precisam tocar suas vidas, apesar dos problemas do morro.

Seria um erro resumir o Horácio à violência. No alto da Rua Antônio Carlos Ferreira, a geral do bairro, fica a ONG Gente Nossa, uma entidade que desde 2004 ajuda as crianças a sonharem através de atividades lúdicas. Durante a tarde, se ouve de longe a algazarra, que invade a entrevista com o professor e pedagogo Wilson Ribas, 55 anos.

- A gente trabalha com fortalecimento de vínculos das crianças com as famílias, com a escola e com eles mesmos. A gente faz o intermédio dessas relações, para dar uma estabilidade maior às crianças. Constantemente a gente procura levá-los a outros lugares da cidade, como cinema, museus, para mostrar outras oportunidades. Não existe limite para o sonho de uma criança, basta que se dê as ferramentas - salienta o pedagogo.

São ao todo 80 crianças e adolescentes atendidos com aulas de educação física, dança, informática, artesanato e o apoio pedagógico.

Na hora de ir embora, Kauã, de 8 anos, e o Michael, 6, incomodam Wilson para ficar, mas ganham um pirulito e, satisfeitos, combinam o próximo encontro. A união da comunidade está representada pela Associação dos Moradores do bairro. A entidade está prestando assessoria jurídica para toda a comunidade nos casos de problemas com a polícia. Mas o trabalho com as crianças é o mais forte. Em julho, a festa junina do Horácio reuniu cerca de 600 pessoas na Escola Osvaldo Galupo, a principal representação do poder público no local.



Tio Zé: a luta pela moradia

O tráfico é o problema atual mais forte no Morro do Horácio, mas na década de 1980, a batalha era para regularizar as casas. Todos que hoje possuem escritura são gratos a José Pires de Moraes, 76 anos. É fácil encontrá-lo no topo do Morro: é só perguntar pelo Tio Zé. Ele foi o segundo presidente da Associação dos Moradores, em 1989, e sua principal bandeira era garantir a posse dos moradores às suas casas.

- Aqui já era uma comunidade, mas não tinha área definida. Cada um tinha um pedaço. Eu sabia que a área era da Penitenciária. Ai eu fui na Cohab. Me disseram que o que dava direito à terra era casa de alvenaria, então mandei todo mundo erguer suas casas. Tinha reunião toda semana na Secretaria de Justiça - lembra.

No começo dos anos 1990, o Estado e União iniciaram a doação dos terrenos.

Outro sonho de Tio Zé era abrir um boteco. Foi com essa intenção que ele resolveu ficar no Horácio e não retornar para sua cidade natal, Curitiba, no

meio-oeste de SC.

- Comecei com uma caixa de cerveja, uma caixa de refrigerante e uma caixa para vinho, bem simples, e uma mesa grande de simuca - recorda um dos primeiros moradores do Horácio.

De dentro do bar veio a ideia de um time de futebol, o Juventude, que depois virou Juventus. Hoje nem o boteco nem o time existem mais, mas Tio Zé recorda com alegria os melhores momentos que viveu.

- Na época não saíamos para fora da Ilha com dois ônibus grandes com 80 pessoas cada um. Ficava limpa a comunidade - brincava o idoso.

Irene de Moraes, esposa do Tio Zé, conta que o bar estava dando muito confusão, e hoje, mesmo com mais de 70 anos, o casal trabalha com reciclagem. O bar deu lugar a um depósito de entulho. Mas o balcão ainda segue lá, e na parede estão pendurados os troféus do time.

Mesmo com todos os problemas atuais do Morro do Horácio, Tio Zé diz que não tem do que reclamar.

MORRO DO HORÁCIO

"ENTREGA LÁ NO HORÁCIO"

Dono de pequeno comércio deu nome à comunidade

As histórias do Morro do Horácio e da Penitenciária da Agrônômica se confundem e têm como personagem central o comerciante Horácio Severino Mafra, homem que ajudou os moradores a formarem o bairro no começo do Século XX, grande parte familiares de presos e os próprios detentos que ali se instalavam depois de cumprir a pena. Horácio morreu em 1994, faltando dois dias para completar 100 anos, segundo os cálculos da família. Ainda tem três filhos vivos. Um deles é o servidor público federal Luiz Carlos Mafra, 45, que ainda mora na comunidade. Ele lembra todos os detalhes que ouvia da mãe desde que o pai chegou a Florianópolis, e é ele quem conta essa história.

Com 14 anos, levando as roupas do corpo e possuindo apenas os documentos e um porco: foi assim que Horácio deixou Biguaçu rumo à Capital. Ele fez a travessia para a Ilha com a ajuda de um pescador. Vendeu o animal e começou a trabalhar em uma padaria, onde também morava.

A partir dos 20 anos, em 1914, ele saiu da padaria e com o dinheiro das economias e ajuda dos antigos patrões comprou um lote de 600 metros quadrados, na época um local bem afastado do centro, sem nenhuma residência

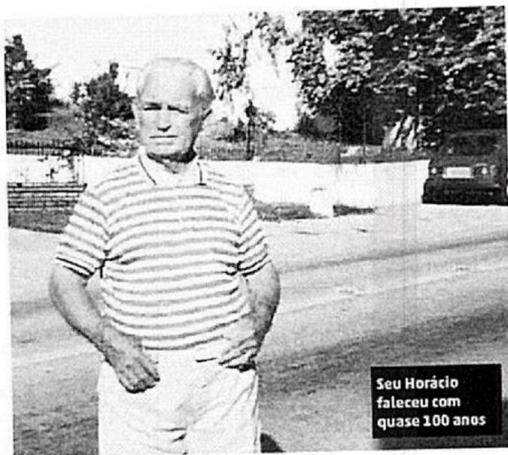
por perto. Fez uma casa de madeira onde montou um pequeno comércio de secos e molhados. Com a vinda da penitenciária para a Ilha, começou a fornecer produtos para consumo dos presos, alimentação, tecido para os uniformes, lenha, velas, lâmpadas – lembra Luiz Carlos.

Os presos de bom comportamento podiam sair para trabalhar na época, e Luiz conta que a maioria frequentava a venda. Em troca do material que Horácio fornecia, os presos construíam uma casa e comércio novos de alvenaria com tijolo maciço e óleo de baleia.

ANTIGAMENTE ERA MORRO DO ARRISCA-A-VIDA

Depois de 20 anos, quando os primeiros presos começaram a sair, tinham medo de voltar às cidades de origem e perguntavam ao comerciante sobre quem era o dono daquele sítio no morro. Horácio dizia que aqueles terrenos de mata virgem eram do Estado e faziam parte da propriedade da penitenciária, que não era usado na época e talvez jamais fosse. E que eles poderiam construir as casas ali.

A pesquisadora da UFSC Maristela Fantin, que tem trabalhos publicados sobre o Morro do Ho-



Seu Horácio faleceu com quase 100 anos

rácio, escreve que antigamente a comunidade se chamava Morro do Arrisca-a-Vida. Ou seja, trazia no nome um imaginário carregado de preconceito.

BOM LUGAR PRA MORAR

Segundo Luiz Carlos, a comunidade recebeu o nome do pai porque quando os moradores compravam móveis no centro da cidade, davam como endereço de entrega o armazém do Horácio.

Quando o vendedor perguntava qual seria o bairro, o cliente respondia: "entrega lá no Horácio, no Morro do Horácio". Faziam isso também nas vezes que tinham

que prestar esclarecimentos e assinar as folhas perante a Justiça – explica.

Sobre o fato de o morro que leva o nome do pai ter se tornado uma região conflituosa, com a presença do tráfico de drogas, Luiz Carlos argumenta que o bairro é muito bom para morar, onde há respeito entre todos os moradores.

O morro é formado 99% por pessoas do bem que saem 6h para trabalhar e que têm aquele lugarzinho para morar. A gente não tem problema com violência. É comunidade, todo mundo se ajuda. O tráfico de drogas é uma questão social – pondera o herdeiro do "pai" do morro.

Tráfico de drogas

Mais recentemente o comércio local de entorpecentes foi dominado por duas famílias. Rodrigo de Oliveira, conhecido como Rodrigo da Pedra, era apontado pela polícia como chefe do tráfico até 2013, ano em que foi transferido da Penitenciária de São Pedro de Alcântara para a Penitenciária Federal de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Rodrigo foi apontado pela Polícia Civil como um dos líderes do Primeiro Grupo Catarinense (PGC), responsável pelos ataques a ônibus.

Desde sua ida para Mossoró e a prisão de parentes dele, a comunidade passou por diversas disputas pelo visado ponto de tráfico. A primeira começou ainda em 2013. Na mesma data em que Rodrigo foi transferido para Mossoró, a mulher e o cunhado dele, Simone e Maykon Saturnino, fugiram. Os irmãos, que vinham administrando os negócios, acabaram presos na semana seguinte. Tiago Cordeiro, o Calcinha, teria assumido o comando local. Ele era também o braço direito de Neném da Costeira, um dos maiores traficantes de Florianópolis.

TRAFICANTES ATUAM NA ÁREA, MAS SEM DISPUTA

Em novembro de 2014 a comunidade foi abalada pela morte de Cibele Saturnino, cunhada de Rodrigo. O assassinato expôs a disputa. Isso porque a principal suspeita de ser mandante do crime era Patrícia de Oliveira, irmã de Rodrigo. Em depoimento, ela negou. Mais recentemente, Calcinha também foi morto. Atualmente, as investigações apontam que há traficantes atuando na comunidade, mas não há uma disputa ocorrendo. Rodrigo voltou para Santa Catarina recentemente. Desde julho está novamente em São Pedro de Alcântara. Em audiência sobre os ataques de 2014 no Estado, em que ele é réu, disse que largou o tráfico desde 2008 e negou fazer parte do PGC ou figurar na liderança do bando que ordenou ataques. Mesmo que Rodrigo esteja longe do Horácio há anos, familiares dele e de Simone que residem na comunidade continuam sendo respeitados no local.

Colaborou Anderson Silva

Como a violência chegou

A força do tráfico de drogas no Morro do Horácio está diretamente ligada à localização. Encravado entre os bairros Trindade e Agrônômica, atrai consumidores de drogas de todas as classes sociais, mas principalmente de média e alta, que encontram no ponto fácil acesso.

São usuários de cocaína e maconha que moram nas proximidades e não se conscientizam que são os financiadores do tráfico, que enquanto não pararem, isso não vai acabar. Não adianta ir pedir paz quando depois vai comprar um baseado ou tomar ecstasy – crítica o delegado de Combate às Drogas (Decod) de Florianópolis, Atilio Guaspari.

A comunidade está em área privilegiada da cidade. Mesmo

próximo a locais de constante presença policial, seguidamente há confronto entre bandidos no morro.

CLIMA NA REGIÃO ESTÁ TENSO

O último confronto matou o policial militar Vinicius Alexandre Gonçalves, 31 anos, no dia 15 de setembro. Desde lá, o clima na região está tenso.

Moradores reclamam da atuação da polícia, enquanto as corporações dizem que os protestos da comunidade são feitos a pedido dos traficantes locais. No meio da semana que passou, outro tiroteio na região atingiu uma viatura da PM. A corporação afirma que o tráfico na região do Maciço do Morro da Cruz é intenso, não só



Abordagens e furtos mais frequentes após morte de policial (foto abaixo)

de drogas, como também de armas. No entanto, diz que as ações policiais não eram acima da média no Horácio até antes da morte do policial. Segundo Guaspari, o morro é um dos que mais preocupa, mas não o principal. A história do tráfico de drogas no Horácio passa por sua trajetória como comunidade.



NOTÍCIAS | SEGURANÇA

MORRO DO HORÁCIO EM NÚMEROS

Área total de **10,20 hectares**
Equivalente a 14 campos de futebol

20%
das famílias são comandadas por mulheres

35%
dos moradores têm acesso a benefícios do governo

42%
dos moradores não têm rede de esgoto

3.592 habitantes

12%
das moradias não têm água potável

35%
moram em casas de madeira, com média de 4 cômodos e 5 moradores cada

16%
moram em situação precária

898 famílias

34%
moram em local sem pavimentação

60%
têm até o ensino fundamental

44%
das famílias têm problemas de saúde

SERVIÇOS PÚBLICOS NO HORÁCIO

da Polícia Federal

da Casa do Governador

da Penitenciária

da Beira-Mar Norte

da região central da cidade

da UFSC

É área irregular?

A maioria dos moradores ainda não tem escritura pública.

Tem projetos sociais?

Projeto social do Maciço Morro da Cruz; educação ambiental; implantação de horta comunitária em andamento, com possibilidade de iniciar em outubro; três igrejas; ONG Gente Amiga.

Tem escola e creche municipal?

Uma escola, a Osvaldo Galupo/NEI Morro do Horácio - ensino infantil e fundamental. Creche em licitação.

Posto de saúde?

Não tem - moradores usam o posto de saúde da Agrônômica.

Transporte público

Linha: 76B

Tarifa: Social

Cartão: R\$ 1,96

Dinheiro: R\$ 2,25

De hora em hora: trecho de 22 minutos do centro. São 23 horários durante a semana e 13 no fim de semana. Os ônibus só não sobem se houver determinação da PM.

Comcap

É atendido pela coleta convencional seis vezes por semana na rua geral (de segunda a sábado) e três vezes nas demais servidões e parte alta (às segundas, quartas e sextas). A coleta é feita pela manhã, utilizando dois tipos de veículo.

MACIÇO MORRO DA CRUZ

Localização: Região central da cidade.

Área total: 2.151.000 m²

Área Ocupada: 657.000 m²

Área do Parque: 1.494.000 m²

Beneficiários: 16 comunidades

Famílias (estimado): 5.677 famílias

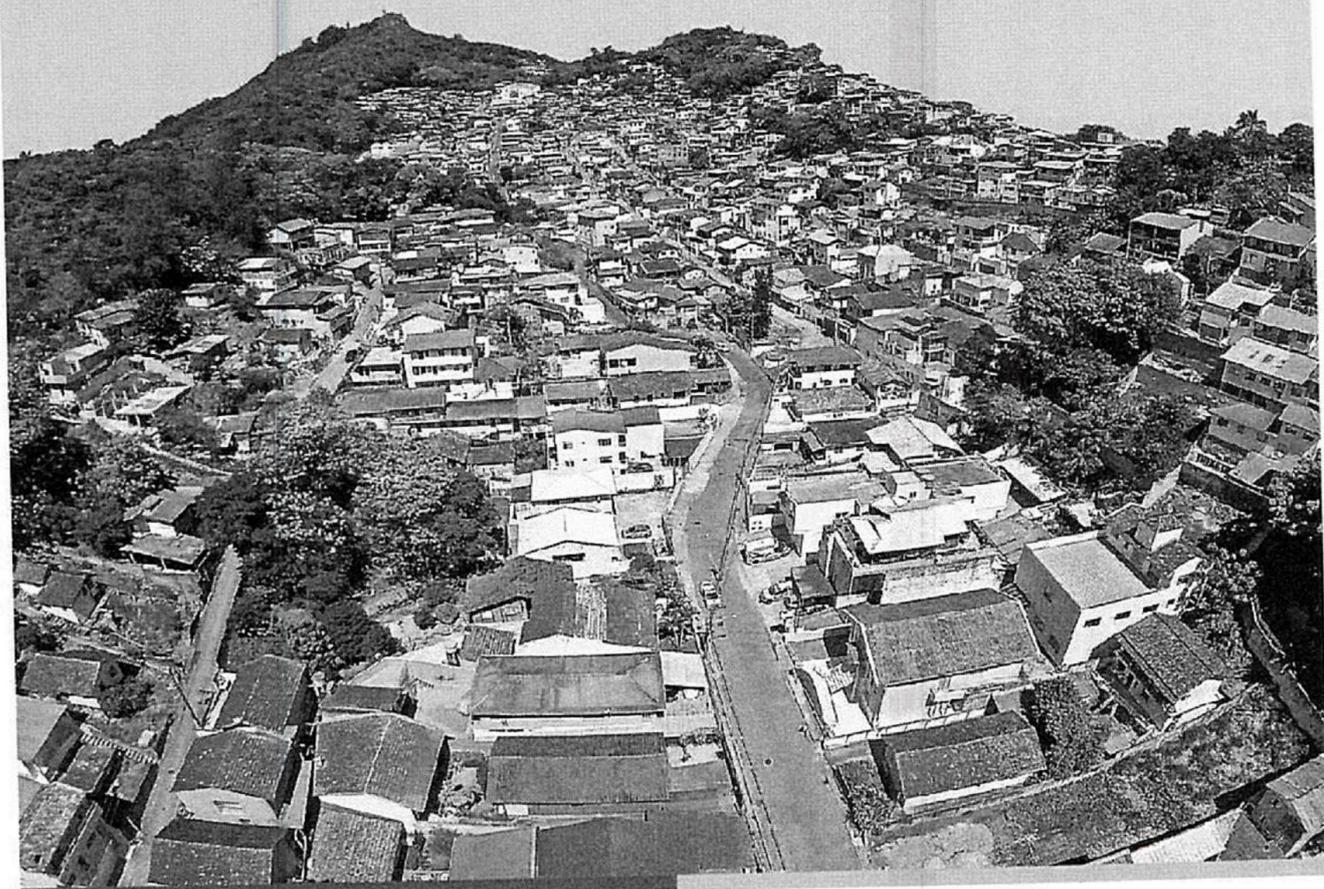
40% das 64 áreas de interesse social da cidade.

População (estimado): 22.566 habitantes

COMUNIDADES DO MACIÇO

- 1- Mariquinha
- 2- Monte Serrat
- 3- Tico Tico
- 4- Morro do 25
- 5- Morro do Horácio
- 6- Morro da Penitenciária
- 7- Morro da Queimada e Jagatá
- 8- Morro do Céu
- 9- Rua Ângelo Laporta
- 10- Rua José Boiteux
- 11- Rua Laudelina da Cruz
- 12- Vila Santa Vitória
- 13- Vila Santa Clara
- 14- Serrinha
- 15- Alto da Gaieira
- 16- Mocotó

Fonte: Perfil sócio-econômico e ambiental das famílias e Hierarquização das áreas de risco do município de Florianópolis. CEPED/2006



"Falta de políticas públicas específicas dificulta implantação de programas"

Falta de políticas públicas específicas dificulta implantação de programas / Florianópolis / Blumenau / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Tribunal de Justiça / Lei Maria da Penha / Núcleo de Pesquisas Margens / Adriano Beiras / Anne Silva / Cinthia Schaefer / Coordenadoria Estadual da Justiça Criminal e das Mulheres / em Situação de Violência Doméstica / Maria da Penha Maia Fernandes / Brasil



Grupo de reabilitação de homens agressores se reúne todas as quartas em Blumenau

Falta de políticas públicas específicas dificulta implantação de programas

Santa Catarina já teve um grupo de homens na Delegacia da Mulher, em Florianópolis, há cerca de oito anos, mas o serviço foi desativado. Desde então, Blumenau manteve o único serviço no Estado. Para o segundo semestre de 2016, estuda-se a implantação de um núcleo por meio de convênio entre Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Tribunal de Justiça. A discussão sobre onde firmar esses espaços é recorrente. O que se sabe é que ele não deve ser junto ao serviço voltado à mulher por segurança e restrições da própria Lei Maria da Penha. O Crea de Blumenau tenta driblar essa dificuldade acomodando em dias diferentes homem e mulher.

Além do representante catarinense, o Instituto Noos (RJ), o Coletivo Feminista (São Paulo) e o Instituto Albam (MG) mantêm serviços pioneiros no país. Esses modelos acabam servindo de referência a novos formatos, que ainda enfrentam resistência na implantação, principalmente relacionada a financiamento e monitoramento.

Em 2014, a UFSC e o Instituto Noos contaram apenas 25 serviços voltados ao autor de violência doméstica em atividade no Brasil. As duas instituições estão refazendo o levantamento neste ano e, até o momento, estimam haver cerca de 40 iniciativas. Mas muitas delas já não estão mais ativas por falta de uma política nacional específica.

— A Lei Maria da Penha por si só não basta. A gente precisa de políticas públicas específicas para ter serviços continuados e de referência. Para que a própria rede saiba que ele existe e que ele possa ser usado — defende o pesquisador do Núcleo de Pesquisas Margens, Adriano Beiras.

O coordenador do estudo lembra que o serviço direcionado ainda é visto como algo que compete com a atenção às mulheres vítimas de violência, quando, na verdade, eles estão conectados.

— Por vezes, se pensa que a gente está trabalhando em oposição ao lugar da mulher. Mas o que a gente tenta explicar é que quando a gente traba-

O HOMEM AGRESSOR

Não há como traçar um perfil do homem que comete violência. Pesquisadores dizem que ele pode ser qualquer pessoa e está sujeito a um contexto social, cultural e educativo. Mas um levantamento em 33 artigos científicos internacionais, feito pela pesquisadora da UFSC Anne Silva, mostrou algumas características em comum entre os agressores. Veja os principais pontos:

PERFIL

IDADE: entre 25 e 30 anos
ESCOLARIDADE: 47,6% não completaram o ensino fundamental
EMPREGO: aposentados, desempregados ou trabalhadores informais têm duas vezes mais chances de serem violentos com as parceiras
VÍCIOS: 69,6% dos casos de agressão aconteceram depois da ingestão de bebidas alcoólicas

lha com os homens a gente está trabalhando para as mulheres. É a ideia de que um homem cesse a violência ou deixe de bater em outra mulher.

A ideia é corroborada pela juíza Cinthia Schaefer, da Coordenadoria Estadual da Justiça Criminal e das Mulheres em Situação de Violência Doméstica:

— Até pouco tempo atrás, a gente não imaginava que homens iriam se reunir para discutir violência. Hoje, embora isso aconteça em pequeno número, podemos pensar que evoluímos. A reflexão da violência através da arte, da pintura ou da poesia tem resultado muito positivo, porque eles conseguem fazer introspecção para ver o que desencadeia aquele lado agressivo.

Pesquisador Adriano Beiras diz que recuperar os homens é também proteger as mulheres. leiadsc.com/querrecuperar

É preciso investir na educação porque temos os mesmos direitos

ENTREVISTA

MARIA DA PENHA

Em 1983, a farmacêutica bioquímica Maria da Penha Maia Fernandes foi vítima do marido, com um tiro nas costas enquanto dormia. O disparo deixou-a paraplégica. Julgado e condenado por duas vezes, ele obteve liberdade devido a recursos impetrados pelos advogados. Ela não esmoreceu. Onze anos depois, publicou o livro Sobrevivi...



Posso contar, que serviu para denunciar o Brasil na Organização dos Estados Americanos. A denúncia resultou na condenação internacional do Brasil por tolerância e omissão estatal. Com a repressão, o país foi obrigado a cumprir recomendações como mudar a lei para prevenir e proteger a mulher em situação de violência doméstica e punir o agressor. Nascia a lei federal 11.340, mais conhecida pelo nome da vítima cearense.

Que balanço pode ser feito nestes últimos 10 anos em relação à lei?

Tenho dois aspectos: positivo e negativo. O positivo é que 98% da população brasileira tem conhecimento que existe uma lei para cuidar das mulheres e proteger da violência doméstica. Que essas políticas públicas que atendem ao funcionamento da lei foram criadas nas grandes cidades, geralmente nas capitais. E o negativo é que infelizmente são poucos os pequenos e médios municípios que têm criado a estrutura para fazer a lei funcionar. Os gestores públicos dos pequenos e médios não estão investindo para que a lei realmente tenha de atender as mulheres. Agora, tem-se que cobrar dos gestores públicos a obrigação que eles têm de atender as mulheres de seus municípios.

As mulheres estão mais encorajadas a denunciar?

Sim, exatamente onde as políticas públicas foram criadas, existe a divulgação sobre a lei. Existe a procura das mulheres por esses equipamentos. Por exemplo, o centro de referência da mulher é um espaço onde ela não precisa denunciar, tem atendimento psicossocial e jurídico, e que ela vai entender e vai escolher, ou vai se situar numa situação em que, quando ela decidir denunciar, vai estar segura e não vai voltar atrás. Há importância também dos outros equipamentos: a casa-abrigo, para o caso de essa mu-

lher não poder retornar para casa, porque sofre perigo de ser assassinada, o juizado e a delegacia da mulher.

Após a lei, os homens pensam duas vezes antes de agredir?

No momento em que o Estado dá o seu exemplo de compromisso com a lei, os homens repensam suas condutas. Eu tenho histórias de mulheres que dizem que no dia que o vizinho foi preso em flagrante por bater na mulher, os outros nunca mais levantaram a mão para elas. Assim eles sentem que a lei veio para cuidar dessa mulher que é vítima de violência doméstica.

Olhar para o agressor é uma forma de prevenir a violência contra a mulher?

Com certeza. Porque esses agressores foram educados por agressores. Eles cresceram vendo os pais batendo nas mães e isso ser considerado normal. Ou vendo a mãe achar que aquilo era normal, porque deixou de fazer algo para o pai. Então, foi educado dessa maneira. E nessa educação é que a gente precisa investir. O poder público precisa investir na educação para mostrar aos homens e mulheres que

nós temos os mesmos deveres e os mesmos direitos. Nós temos o dever, sim, de tratar nosso companheiro, nossa companheira, com dignidade.

Grupos de homens devem ser aplicados em mais lugares?

Sim, com certeza. A gente tem grupo de homens que trabalham no enfrentamento da violência contra a mulher exatamente para esclarecer os agressores sobre a maneira como eles tratam mulheres. E que ao não tratar de uma maneira equilibrada, de respeito, eles podem ser presos. E aqueles que estão presos, estão revendo suas condutas. Pode até ser que eles não retomem o relacionamento que resultou na prisão, mas em um outro relacionamento ele já vai repensar sua conduta. Caso ele cometa o mesmo crime de bater na sua mulher, ele vai ser preso novamente.

Algumas pessoas relutam nesse atendimento e dizem que a prioridade deve ser a mulher. Qual é a sua opinião sobre isso?

Eu entendo que a prioridade do gestor público é fazer com que a lei Maria da Penha saia do papel e funcione realmente. No momento em que a lei sai do papel, também tem que se pensar no homem agressor. O atendimento ao homem agressor vai se fazer de uma maneira mais lenta, porque realmente a mulher é prioridade. A mulher é a maior vítima desse tipo de relacionamento.

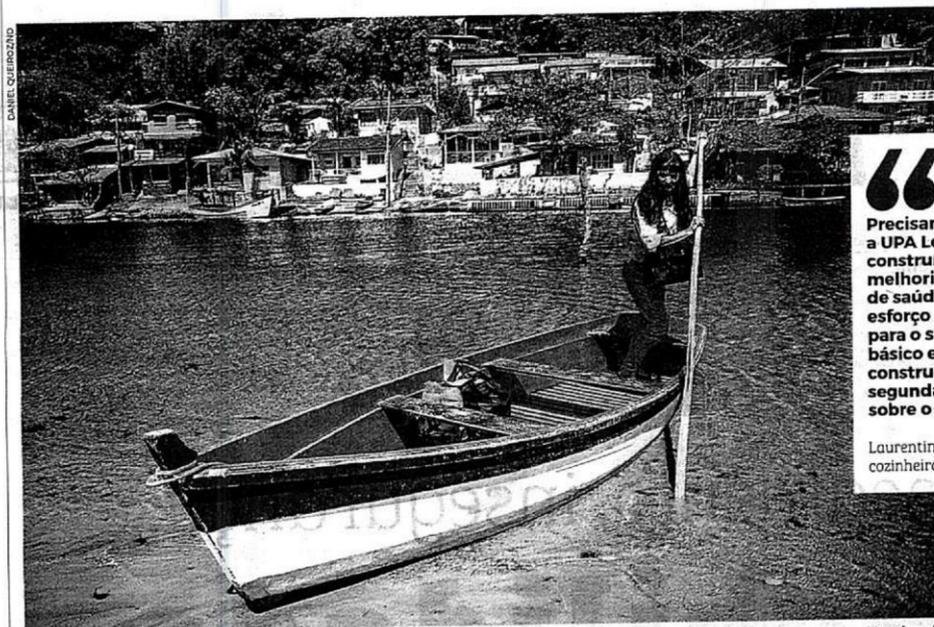
Notícias do Dia Especial "Desejos da população"

Desejos da população / Florianópolis / Candidatos a Prefeitura Municipal de Florianópolis / Angela Albino / Angela Amim / Elson Pereira / Gabriela Santetti / Gean Loureiro / Maurício Leal / Mobilidade urbana / Saneamento / Segurança / Scheyla da Silva / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Trindade / Thaylu Cascaes / Santa Mônica / Itacorubi / CCA / Centro de Ciências Agrárias / Acessibilidade

Editor
RODRIGO LIMA
rodrigolima@noticiasdodia.com.br

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 24 E 25 DE SETEMBRO DE 2016

Especial.3 ≡



“
Precisamos que a UPA Leste seja construída e de melhorias no posto de saúde. Mas peço esforço público para o saneamento básico e ainda a construção de uma segunda passarela sobre o canal.”

Laurentina Laura Vieira, cozinheira

Moradora da margem direita do canal da Barra da Lagoa, Laurentina só sai ou chega em casa de barco

Desejos

Eleitores falam sobre problemas de seus bairros e apontam soluções para a futura administração de Florianópolis

da população

**ALESSANDRA OLIVEIRA
E MATHEUS JOFFRE**
redacao@noticiasdodia.com.br

A uma semana das eleições municipais, a população de Florianópolis sabe bem o que quer do próximo prefeito ou prefeita da Capital. O *Notícias do Dia* percorreu os quatro cantos da Ilha e os bairros do Continente para ouvir os anseios de quem vive o dia a dia da cidade. Segurança, mobilidade urbana e saneamento básico estão entre as principais necessidades dos moradores/eleitores.

Sete candidatos disputam o voto do eleitor florianopolitano: Angela Albino (PCdoB), Angela Amin (PP), Elson Pereira (Pso), Gabriela Santetti (PSTU), Gean Lou-

reiro (PMDB), Mauricio Leal (PEN) e Murilo Flores (PSB). O debate na RICTV Record, neste domingo, às 22h45, deve abordar estes temas e esquentar a reta final da campanha. Além de eleger o prefeito, o eleitor da Capital também escolherá os 23 representantes do Legislativo Municipal, de um total de 375 candidatas a vereador.

O comerciante Maurício Vieira, 52, mora há 20 anos no Estreito e há dez anos tem uma loja de pesca no bairro, que deixou de abrir aos sábados por falta de segurança. "É muito assalto. Ninguém mais abre o comércio no sábado. Temos só uma viatura aqui no bairro, que não dá conta das ocorrências", afirma. Vieira

também reclama da mobilidade urbana. "Nós também recebemos veículos de passagem das cidades vizinhas e o bairro não comporta", diz.

A cozinheira Laurentina Laura Vieira, 46, é nativa do Leste da Ilha e desde criança acompanha os pedidos da comunidade para a construção de um acesso no Canal da Barra da Lagoa. "No verão as lanchas e os jet-skis passam em alta velocidade, o que complica ainda mais a chegada à outra margem", conta. Ela precisa cruzar o canal de canoa a remo para chegar ao outro lado. Laurentina também espera a construção da UPA Leste (Unidade de Pronto Atendimento) e melhores condições de saneamento básico. ●

7
candidatos a prefeito

375
candidatos a vereador

316.261
eleitores



Veja a galeria de imagens no www.ndonline.com.br

Leia mais nas **PÁGINAS 4 E 5** ➔

Coqueiros

MARCO SANTILACONDI



Natalia Albuquerque, 69 anos, aposentada

O Parque de Coqueiros já não é mais seguro para caminhar ou encontrar os amigos, principalmente à noite. Natalia tem vários conhecidos que foram assaltados no bairro. O aumento no número de moradores de rua também tem preocupado a população. "São pequenos furtos. A prefeitura deveria ter um programa para mandá-los de volta à cidade de origem e ter mais casas de apoio a essas pessoas", defende. A mobilidade é outro problema: "Nossas vias não comportam mais o fluxo, é preciso investir no transporte marítimo".

Centro



Lenoir Gonçalves, 58 anos, agente prisional

O Centro, por onde circulam mais de 300 mil pessoas diariamente, concentra diversos problemas. A falta de segurança lidera o ranking de reclamações. Arruamentos em lojas, furtos e assaltos têm sido cada vez mais frequentes. O trânsito e a mobilidade também provocam transtornos. A solução para Lenoir é investir em educação. "Não adianta fazer ações pontuais. Para mudar uma cidade, um país, só com educação", diz.

Estreito

Maurício Vieira, 52 anos, comerciante

A população do Estreito tem a impressão de que o bairro com 23.906 habitantes foi esquecido pelo poder público. Segurança, mobilidade, saneamento e infraestrutura são os principais problemas apontados por Maurício, que não abre mais o seu comércio aos sábados por falta de segurança. "Falta consciência política do que o Estreito representa para Florianópolis. Os investimentos não são compatíveis com a arrecadação do bairro. O retorno da prefeitura é muito pequeno", critica.



Saneamento, insegurança, mobilidade...

Ouidos pelo Notícias do Dia, moradores/eleitores de 16 bairros de Florianópolis falam sobre os problemas enfrentados em cada local e apontam soluções para quem assumir a prefeitura a partir de janeiro de 2017

Canasvieiras

Ricardo Matias, 46 anos, empresário

Há oito anos, Ricardo trabalha com o turismo no bairro. Além de pedir providências sérias para o rio do Brás, ele lamenta o descaso com os visitantes no verão. "A infraestrutura de Canasvieiras ainda é precária. Não temos chuveiro nem banheiros para ofertar ao público. Estamos em 2016 e as coisas ainda são assim, não avançam! Precisamos de bolsões de estacionamento e de mais cuidado com os buracos abertos para obras na rede de água", pontua.



Trindade



Scheyla da Silva, 54 anos, funcionária pública
Bairro sede da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que tem uma comunidade de 50 mil pessoas, entre estudantes, professores e técnicos-administrativos, a Trindade convive com problemas como falta de segurança e de mobilidade. Para Scheyla, a construção civil tomou conta do bairro e a prefeitura não acompanhou na infraestrutura. "Todos os minimercados e farmácias daqui já foram assaltados. Está perigoso até passear com o cachorro à noite", reclama.

Santa Mônica



Henrique Rodrigues, 32 anos, engenheiro

Outro bairro universitário, o Santa Mônica, sede do campus da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina), também enfrenta problemas de segurança. Segundo Henrique, a ciclovia virou um corredor de furtos. "Eles passam de bicicleta e roubam celular, notebook", conta.

Itacorubi



Thaylu Cascaes, 21 anos, estudante
Assim como os outros bairros universitários, o Itacorubi, que tem o campus do CCA (Centro de Ciências Agrárias) da UFSC, também sofre com a falta de segurança. Segundo Thaylu, além dos assaltos aos estabelecimentos comerciais, já ocorreram diversos casos de roubos e furtos dentro do próprio campus. "Não tem condições nem de sair a pé mais à noite aqui, principalmente as mulheres", alerta.

Inglese

Valdeci Andrade, 58 anos, comerciante

As 60 câmeras de segurança da padaria demonstram a situação do bairro. Além de assaltos, Valdeci teme os sequestros, após três casos em dois meses envolvendo empresários dos Ingleses. "Além dos congestionamentos e registros diários de acidentes, os moradores sofrem com a ausência de saneamento básico", lamenta. Valdeci revêza o uso do sistema de fossas que construiu no local e ainda paga caminhão para limpar os dejetos.



DANIEL QUEIROZINO

Rio Vermelho



DANIEL QUEIROZINO

Joice Padim, 65 anos, terapeuta

Pavimentação e fornecimento individual de água e energia elétrica são razões pelas quais Joice luta há 16 anos. São mais de 400 pessoas afetadas pelo descaso, na rua Tomas de Oliveira. "Já bloqueamos a rodovia e deitamos no asfalto em protesto. Nada mudou, nem as promessas, que voltam a cada quatro anos", lamenta a moradora, que aponta ainda a superlotação dos ônibus que atendem ao bairro.

Santo Antônio de Lisboa



DANIEL QUEIROZINO

João Henrique Franco, 56 anos, comerciante

A falta de acessibilidade é um dos itens que mais incomodam João Henrique. Ao apontar a situação precária das calçadas, ele lembra que em Portugal, de onde veio há oito anos, o acesso passou a ser prioridade pública após um acidente. "Quando um político se tornou cadeirante as coisas melhoraram", conta. "A população e a quantidade de automóveis aumentam dia a dia e ninguém investe no transporte marítimo. Parece que os gestores daqui nunca viajaram para fora do país", critica.

Campeche

Tarcísio Schefer, 58 anos, professor de surfe

Não é somente a falta de mobilidade urbana de veículos que recebe as críticas de Tarcísio. Ele aponta a falta de calçadas adequadas para pedestres e cadeirantes como um sério problema do bairro. "São obras simples que melhorariam a vida das pessoas", diz. Ele também não acredita mais na implantação do tão esperado saneamento básico no Sul da Ilha.



DANIEL QUEIROZINO

Sambaqui



DANIEL QUEIROZINO

Ricardo Mância, 38 anos, comerciante

A faixa de areia da praia e um calçadão são os únicos espaços que as crianças do Sambaqui têm para recreação. "Precisamos com urgência de uma área de lazer. Estamos esquecidos pelo poder público. Há décadas reclamamos dos poucos horários de ônibus daqui e nada muda. Florianópolis tem de ser para todos e não para alguns", afirma.

Tapera



DANIEL QUEIROZINO

Jaqueline Kreuzsch, 45 anos, atendente

"A população reclama muito do atendimento do posto de saúde. Faltam médicos, e tato por parte dos funcionários", aponta. Jaqueline também reclama do saneamento básico e da insegurança. "O tráfico de drogas está escancarado. Tem pontos de venda em diversas ruas e muitos jovens envolvidos no crime. Se ao menos tivéssemos rondas policiais, as práticas seriam coibidas", diz.

Ribeirão da Ilha

Rosalina Santos, 49 anos, aposentada

As calçadas e a rodovia Baldicero Filomeno têm pavimento novo. No entanto, sob estes pisos não há rede de saneamento básico instalada. Também não fizeram quebra-molas, somente pintaram uma faixa amarela no chão. Não demora muito e registraremos mortes aqui, alerta. Mas, a maior preocupação é com o crescimento dos assaltos à mão armada no bairro. "Piorou nos últimos três meses e tem acontecido nas escolas e na praça da igreja da Lapa", detalha.



DANIEL QUEIROZINO

Barra da Lagoa



DANIEL QUEIROZINO

Laurentina Laura Vieira, 46 anos, cozinheira

A moradora da margem direita do Canal da Barra não tem outra forma de chegar ou sair de casa. Laurentina precisa da canoa, do remo e de força braçal para cruzar a única via que tem à disposição. Ainda que elerique a construção da UPA Leste e melhore os serviços do posto de saúde, ela pede esforços públicos para o saneamento básico do seu bairro e ainda a construção de uma segunda passarela sobre o canal. "No verão as lanchas e jet skis passam em alta velocidade, o que complica ainda mais a chegada à outra margem", conta.

Lagoa da Conceição



DANIEL QUEIROZINO

João Pedro Duarte, 57 anos, servidor público municipal

"Os moradores se uniram e reivindicaram a conclusão das obras da pracinha. No entanto, ainda esperamos pelo desassoreamento da Lagoa, sem falar na construção da nova ponte e na implantação da rede de saneamento", diz. João Pedro ainda lembra do grande fluxo de pessoas no bairro ao pedir melhoria na segurança pública. "Pouca coisa tem mudado nos últimos anos em termos de serviços públicos", observa.

A Notícia
Jefferson Saavedra
"Barreira"

Barreira / UFSC / Joinville / Obras



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 24/09/2016

[Vereadores sabatinam técnica de saneamento](#)

[Dia da Árvore com preservação e passeio](#)

[Cirurgia pós-bariátrica: cirurgião plástico responde às principais dúvidas](#)

[Saiba De Que Maneira O Trabalhador Está Se Preparando Para A Provável Reforma Trabalhista](#)

Notícias dia 25/09/2016

[Simuladores para a medicina | Revista Pesquisa Fapesp](#)

[UFSC abre inscrições para mestrado e doutorado em Administração](#)

[Mário Motta: UFSC entre as melhores do país](#)

[Mário Motta: Vem aí o Fórum Harmonia, Integridade e Ética no Brasil](#)

[Na Universidade Federal, Angela discute propostas para Florianópolis](#)

[Simuladores para a medicina](#)